

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS – *CAMPUS* BAMBUÍ
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A música como uma ferramenta poderosa na educação antirracista: um relato sobre experiências que criam memórias afetivas e seu impacto na vida dos estudantes e de suas famílias.

BambuÍ - MG

2025

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS – *CAMPUS BAMBUÍ*
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Eliane Maria Cunha dos Santos

A música como ferramenta poderosa na educação antirracista: um relato sobre experiências que criam memórias afetivas e seu impacto na vida dos estudantes e de suas famílias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Bambuí, como exigência parcial para obtenção do certificado de Especialista em Educação para Relações Étnico-raciais.

Orientador (a): Prof. Dra Luciane Silva de Almeida

Bambuí

2025

Catálogo na Fonte Biblioteca IFMG - *Campus* Bambuí

S237m Santos, Eliane Maria Cunha dos.

A música como ferramenta poderosa na educação antirracista: um relato sobre experiências que criam memórias afetivas e seu impacto na vida dos estudantes e de suas famílias [manuscrito] / Eliane Maria Cunha dos Santos – 2026.
28 f. : il. ; color.

Orientador: Luciane Silva de Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação para Relações Étnico-raciais) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Bambuí.

1. Educação. 2. Educação antirracista. 3. Projetos Educacionais. 4. Música na sala de aula. 5. Educação para as Relações Étnico-Raciais. I. Almeida, Luciane Silva de. II. Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus* Bambuí. III. Título.

CDD 370.117

Catálogo: João Batista Rodrigues - CRB-6/2022

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Eliane Maria Cunha dos Santos

A música como ferramenta poderosa na educação antirracista: um relato sobre experiências que criam memórias afetivas e seu impacto na vida dos estudantes e de suas famílias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Bambuí, como exigência parcial para obtenção do certificado de Especialista em Educação para Relações Étnico-raciais.

Orientador(a): Prof. Dra Luciane Silva de Almeida

Aprovado em: 09 / 12 / 2025 pela banca examinadora:

Prof. Dr^a Luciane Silva de Almeida

Prof. (Orientador)

Prof. Dr^a Márcia Basília (IFMG - Sabará)

Prof. Dr Rodrigo Francisco Dias (IFMG - Bambuí)

Sankofa: honrar as raízes é essencial para crescer.
Retorne e aprenda com o passado.



DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha família, em especial à minha mãe e à minha avó, que sempre acreditaram no poder da educação. Com pouco estudo, mas com uma sabedoria imensa, elas sempre me incentivaram e estimularam o aprendizado de todos ao redor, vibrando com cada conquista. Sinto que, de onde puderem acompanhar, elas estão comemorando esta reunião de experiências da sala de aula. Quero contar tudo para vocês, como se estivéssemos numa boa conversa, com o café da minha mãe e o bolo quentinho da minha avó.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos, meus filhos, meus irmãos e meu marido, por me incentivarem e por estarem sempre dispostos a ouvir as muitas histórias que acontecem na escola.

Meus queridos estudantes, vocês são a razão pela qual os projetos acontecem, obrigada por serem tão entusiasmados.

Aos professores do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Bambuí, meu muito obrigada por fazerem este curso funcionar de maneira tão fluida e única. Professora Luciane, minha orientadora, agradeço especialmente pela dedicação e paciência em ler meus textos e, claro, por elevar minha autoestima com seus elogios.

RESUMO

O presente artigo relata experiências didáticas que utilizam a música como ferramenta para o desenvolvimento de projetos de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) com alunos do 5º ano do ensino fundamental. O objetivo central é demonstrar como a interdisciplinaridade, aliada à música e às artes, pode enriquecer a construção do conhecimento sobre as relações étnico-raciais em diversas áreas do conhecimento. Espera-se que os resultados e as análises apresentadas nos relatos de experiência inspirem a aplicação de atividades musicais em diferentes níveis de ensino, visando à promoção da educação antirracista. Dessa forma, busca-se consolidar um processo de aprendizagem mais significativo e engajador, que utilize a potencialidade da música para tornar o aprendizado sobre essa temática mais eficaz e consolidar a construção de um conhecimento crítico e reflexivo.

Palavras- chave: Educação; Educação Antirracista; Projetos Educacionais; Música na sala de aula; Educação para as Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

This article reports on teaching experiences that utilize music as a tool for developing projects in Education for Ethno-Racial Relations (ERER) with 5th-grade elementary school students. The central objective is to demonstrate how interdisciplinarity, combined with music and the arts, can enrich the construction of knowledge about ethno-racial relations across various fields of study. It is hoped that the results and analyses presented in these experience reports will inspire the application of musical activities at different educational levels, aiming to promote anti-racist education. In this way, the goal is to consolidate a more meaningful and engaging learning process that leverages the potential of music to make learning about this theme more effective and foster the development of critical and reflective knowledge.

Keywords: Education; Anti-racist Education; Educational Projects; Music in the classroom; Education for Ethnic-Racial Relations.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. Um pouco de inspiração.....	10
3. Relações entre música e a construção do conhecimento.....	12
4. Criando memórias afetivas e musicais.....	13
4.1. Objetivos do desenvolvimento sustentável.....	15
4.2. O que conhecemos de África?.....	18
4.3. Literatura antirracista.....	20
4.4. Ubuntu – eu sou porque somos.....	22
5. Discussão sobre resultados e a importância dos projetos educacionais.....	25
6. Considerações finais.....	26
7. Referências.....	27

1. INTRODUÇÃO

Minhas memórias de infância estão todas ligadas à música. Lembro-me muito bem de quando eu estava na escola e minha mãe transmitia para nós a sua alegria em ouvir música. É interessante como todas as lembranças que tenho sempre remetem a uma canção, como ao ir para a escola, caminhando, com a lembrança da música que estava tocando no seu radinho de pilhas. Era início dos anos setenta, e eu já queria ser professora desde aquela época, talvez já pensando em como usaria isso nas minhas aulas, visionária (?). Ouvíamos muitas músicas de diferentes gêneros; lá em casa tocava rock, tocava samba, mas uma música que nos tocava a alma de um jeito diferente era a de Luiz Gonzaga, o rei do Baião, que nos levava a imaginar o Nordeste de nossos pais. Ele, assim, foi moldando nossas memórias afetivas, as minhas e as de meus irmãos.

A cada nova fase, vinham novas descobertas, sempre com uma trilha musical. Na adolescência, as danças, os shows e mais memórias. Eu acredito no poder da arte, fui criada ouvindo as lindas vozes da minha avó e da minha mãe cantando suas lembranças. Acredito e transfiro essas impressões aos estudantes em diversos momentos, em sala de aula; lá eles também estão construindo suas memórias. Por isso, quando penso em um projeto, ele já vem atrelado à música e à produção de arte: murais, desenhos, dramatizações, cenários, tudo que envolve a todos com arte e da maneira mais afetuosa possível.

Minha formação inicia com magistério concluído em 1984, pedagogia com conclusão em 1988, especialização em Orientação Educacional e pós-graduação com especialização em Recursos Humanos, mais voltada para a área corporativa, que acrescentou conhecimento, não totalmente aplicável pedagogicamente, mas uma formação necessária para o entendimento das relações humanas e a aplicabilidade dos programas de valores humanos para a formação dos estudantes; participei de diversas palestras, cursos de extensão e de formação continuada. Os autores que nos foram apresentados na graduação eram os eurocentrados de sempre. Fui estudar de forma mais aprofundada o mestre Paulo Freire após estar em sala de aula, já formada. Mesmo assim, tive pouco contato com autores negros; parecia que a escola era algo dissociado do povo. Eu, lecionando em escola particular, percebo hoje que estava em uma bolha, talvez...

Porém, não creio que os professores da rede pública estivessem recebendo essa formação, pois havia também a questão política, os filtros limpando o que poderia ser dito ou

feito. Quando em 2003 foi sancionada a Lei 10.639, ela não chegou à escola de forma adequada para ser implementada prontamente. Contudo, na minha formação, não tivemos uma disciplina que falasse do movimento negro, talvez porque fosse uma época ainda próxima da ditadura.

Nessa época, eu estava em sala de aula e lembro muito bem que desenvolvemos diversos projetos voltados à temática ambiental, com caminhadas e mobilizações, mas não fizemos alusão às questões raciais, sejam negras ou indígenas. Hoje, sinto que perdemos muito por estarmos tão alheios; aqui, coloco no plural porque me coloco como escola, como um grupo que perdeu muito tempo e que agora precisa se organizar para, literalmente, correr atrás do prejuízo. Vemos que agora, após mais de vinte anos, estamos nos movimentando para que as ações antirracistas aconteçam nas escolas.

Estamos percebendo uma movimentação diferente, algo que está sendo cobrado por entidades que organizam a escola. Com esperança, observo as ações da educação antirracista aparecendo em alguns planos de aula, mesmo que seja por obrigação. Com esperança, quero assistir à mudança na mentalidade de alguns e ao fim do racismo na escola e na sociedade.

2. UM POUCO DE INSPIRAÇÃO

Alguns dos principais teóricos presentes em minha trajetória: Paulo Freire, Edgar Morin, Nicolescu, porque Morin cita a transdisciplinaridade, conceito que me levou a este estudo. Quando iniciei os estudos mais aprofundados das relações étnico-raciais conheci muitos outros autores que citarei ao longo deste artigo, como Nilma Lino Gomes, Luana Tolentino, Kabengele Munanga, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e outros.

Quando falamos sobre transdisciplinaridade, precisamos entender que ela vai além da simples conexão entre diferentes áreas do conhecimento, ela permeia as relações na construção do conhecimento. Como Paulo Freire reitera em "Educação como prática da Liberdade":

O homem é um ser de relações, não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo (...) herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e da Cultura. (1982, pág. 39, 41)

O que acontece em uma turma engajada em um projeto, senão a busca por esse lugar de domínio da Cultura? Constatamos o brilho nos olhos dos alunos a cada etapa de um trabalho em que estão todos envolvidos. A transdisciplinaridade é completamente percebida quando, a cada comentário, a orientação da professora leva a novas descobertas e conexões. Essas

conexões vão além da sala de aula, quase extrapolam os limites do plano de aulas, mas garantem o desenvolvimento do conteúdo proposto de forma criativa e diferenciada.

Para que tais resultados sejam alcançados de forma satisfatória, a formação continuada não pode ser deixada de lado. O professor precisa ser um conhecedor do mundo e aprofundar-se nos temas que serão discutidos no projeto, compreendendo o mundo através da unidade do conhecimento. O prefixo "trans" indica o que está entre as disciplinas, através das disciplinas e além de qualquer disciplina, como aponta Basarab Nicolescu (1999), e esse é um dos princípios, a transdisciplinaridade, que faço presente em meu cotidiano na escola, para resultados exitosos nos projetos que desenvolvemos.

Paulo Freire, em sua obra "Pedagogia do Oprimido (1968)", defende a ideia de que o ser humano não é um ser isolado, mas um "ser de relações". Isso significa que nossa existência se constrói na interação com o mundo e com os outros. Não somos apenas "no mundo", mas "com o mundo".

Para Freire, o homem não é um ser passivo que simplesmente se adapta ao ambiente. Pelo contrário, ele é um agente de transformação. A educação, na sua visão, não pode ser um ato de "depósito" de conhecimento (a chamada "educação bancária"), onde o professor "deposita" informações no aluno. Pelo contrário, deve ser um processo dialógico, em que educador e educando constroem o conhecimento juntos, a partir da realidade e dos desafios do mundo. É essa troca, essa relação dinâmica, que permite a conscientização e a libertação, que costumo enfatizar nas atividades do cotidiano, nas conexões da sala de aula. Nicolescu argumenta que a fragmentação do conhecimento leva à incapacidade de lidar com os desafios globais e à perda de sentido. A transdisciplinaridade, portanto, emerge como uma necessidade para a própria sobrevivência da humanidade e para o desenvolvimento de uma nova forma de pensar e agir.

Enquanto Paulo Freire enfatiza a dimensão humana da relação com o mundo e a construção da história e da cultura através da ação transformadora e dialógica, Basarab Nicolescu oferece uma estrutura epistemológica para integrar diferentes níveis de realidade e conhecimentos, buscando uma compreensão mais profunda e unificada do mundo, que transcende as fronteiras disciplinares. Ambos os pensadores convergem na ideia de que a educação e o conhecimento não podem ser compartimentalizados, mas devem ser ferramentas para a plena realização humana e para a superação dos desafios complexos da nossa existência.

Dos ensinamentos de Edgar Morin na sua obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* eu costumo aplicar principalmente o que ele diz sobre ensinar a condição humana. A partir desse conceito constatamos que educação deve abordar a complexidade da natureza

humana, explorando as dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais, ou seja, nós precisamos trabalhar com foco nas relações para que os estudantes consigam entender que estão no mundo com os outros, que precisam ter respeito em todas as situações e compreender que não conseguimos desenvolver projetos sem pensar no grupo, porém respeitando a individualidade de cada um. Ainda citando Morin, ensinar a identidade terrena se torna crucial para desenvolver a consciência de pertencimento à Terra, promovendo a solidariedade e a responsabilidade global, novamente retomando a necessidade de ter respeito por todos que estão na nossa casa comum, o planeta Terra, por isso a importância de desenvolver projetos de conscientização ambiental e constatação do quanto o racismo ambiental prejudica as relações humanas e dos humanos com o planeta.

Esses princípios sempre estão presentes quando iniciamos os planejamentos das atividades que serão desenvolvidas ao longo do ano letivo e normalmente costumo pensar nos projetos a longo prazo, sugiro à turma alguns temas, verificamos a relevância deles, o engajamento dos estudantes e ao longo das aulas desenvolvemos as atividades que costumo sempre pautar no Ensino das Relações Étnico-Raciais. Integrando a minha formação, os ensinamentos de professores como Petronilha Gonçalves (2007) e Nilma Lino Gomes (2012) fortalecem a perspectiva de que estamos no caminho adequado, aprofundando e aplicando os estudos em sala de aula.

3. RELAÇÕES ENTRE MÚSICA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A música é uma ferramenta poderosa para abordar diversas questões em sala de aula, tornando o processo mais leve e aproximando os estudantes. Essa abordagem, aliada aos projetos desenvolvidos, gera um impacto significativo e duradouro. As memórias construídas a cada nova turma e nova iniciativa reforçam o quanto essas experiências são transformadoras.

Eu vejo, quando trabalho com música na sala de aula, que ela atinge as camadas mais íntimas das pessoas. Quando conto uma história e ela é apoiada em uma música, ampliam-se os significados, fixam-se as palavras, acordes, memórias e ritmos. As pessoas que têm lembranças apagadas ao longo da sua existência vivenciam as músicas como suas últimas recordações cheias de histórias, pude observar esse fenômeno ao acompanhar minha mãe durante o avanço do Alzheimer. Notavelmente, a música conseguia acessar áreas de sua memória que a doença não havia apagado; ao ouvir melodias familiares, ela entoava as letras com entusiasmo. Esses momentos eram fontes genuínas de bem-estar, sendo visível o despertar de sua vitalidade através do brilho no olhar. Na escola ocorre da mesma forma, ao desenvolver

os projetos penso em músicas que vão auxiliar nessa construção do conhecimento e memórias afetivas. A educação das relações étnico-raciais nos convida a pensar novas formas de conceber a escola (Gomes, 2018).

Meu principal indicador de sucesso, além dos resultados obtidos em cada etapa, é o retorno dos alunos no ano seguinte. As visitas e mensagens que recebo, nas quais eles relatam a importância de participar dos projetos e o quanto se sentem empoderados para discutir antirracismo com amigos em suas novas escolas, demonstram o verdadeiro impacto do trabalho e assim a criação das memórias que são de significativa relevância na sua construção enquanto pessoa. É importante ressaltar que os projetos mencionados neste trabalho foram desenvolvidos com estudantes do último ano do ensino fundamental, anos iniciais, que geralmente têm entre dez e onze anos. Ao final dessa etapa esses alunos migram para outras instituições de ensino, onde iniciam o ciclo dos anos finais do ensino fundamental.

Na década de 2000, participei de conferências que reuniram representantes de diversas crenças, onde o respeito a todas as religiões era um tema central. É importante notar que, apesar de a Lei 10.639 ter sido aprovada nesse mesmo período, as discussões não se aprofundaram especificamente nas religiões de matriz africana. Em minhas aulas, desenvolvi atividades sobre ecumenismo e, de forma similar, abordamos o racismo ambiental. Contudo, sem um embasamento teórico aprofundado, não conseguimos nomear essas questões de maneira adequada à época. Inspirada pelos textos de Vilmar Berna, implementei diversos projetos de Educação Ambiental, porém, naquela época abordamos as questões ambientais, e não as raciais. Utilizei muitas músicas em projetos, como “Planeta Água”¹, “O Sal da Terra”² entre outras. No entanto, percebo que não debatíamos as complexas questões enfrentadas por pessoas marginalizadas pela cor da pele, que historicamente não têm acesso a cuidados básicos.

Recordo-me que, naquele tempo, a discussão sobre raça e racismo, bem como sobre os mecanismos de exclusão (Almeida, 2020), era incipiente em nosso meio. Isso me leva a questionar se houve um apagamento proposital dessas temáticas e porque materiais relevantes, como os citados ao longo desse texto não foram amplamente divulgados. Somente muito tempo depois tive contato com obras que se tornaram grande inspiração para os projetos que abordaremos a seguir.

¹ "Planeta Água" canção de Guilherme Arantes - 1981

² “O Sal da Terra” canção de Beto Guedes · 1981

4. CRIANDO MEMÓRIAS AFETIVAS E MUSICAIS

Quando tive contato com o Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro, passei a aprofundar meus estudos seguindo as referências do livro e não parei mais, conheci, entre outros, os portais CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades), Instituto Geledés, Instituto Alana e Porvir. A partir desse momento assisti a muitas palestras e programas, passei a ler tudo o que podia relacionado ao tema Educação Antirracista e procurando mais formação cheguei à página da pós-graduação em Educação para Relações Étnico Raciais. Cá estou tentando relatar para vocês essa jornada, que está apenas começando, com muito respeito e atenção aos estudantes que estou formando, para que possam tornar-se multiplicadores do bem, do respeito e da paz.

A leitura do livro "O que você sabe sobre a África" (Silva, 2016) foi fundamental para ampliar minha percepção sobre o continente africano, desmistificando concepções equivocadas e revelando a riqueza de suas culturas, histórias e contribuições para a humanidade. A obra não só aprofundou meu conhecimento sobre temas cruciais, como a diversidade étnica, as complexas estruturas sociais pré-coloniais e o impacto duradouro do colonialismo, mas também me inspirou a desenvolver novas atividades para a sala de aula. A ênfase na educação antirracista presente no livro ressaltou a urgência de abordar a história e a cultura africana de forma positiva e descolonizada, combatendo preconceitos e promovendo o respeito às diferenças desde cedo. Embora o livro mencione o trabalho do Racionais MC's, e eu aprecie sua relevância cultural, para minhas atividades com crianças do ensino fundamental anos iniciais, prefiro utilizar músicas e materiais pedagógicos mais adequados à faixa etária, que continuem a promover os valores antirracistas e a valorização da cultura africana de forma lúdica e acessível.

Um ponto importante para implementar a educação para as relações étnico-raciais é a escolha de recursos pedagógicos e materiais didáticos que servem de apoio para a estrutura curricular, como citado no documento "Recriar a Escola sob a Perspectiva das Relações Étnico-raciais", elaborado pelo Instituto Alana:

Promover uma educação antirracista, portanto, é um caminho não apenas para reconstruir a escola, mas para melhorar a vida de todos. Levando em consideração que a escola representa um microcosmo social e é composta por atores que têm e terão impacto e poder de mudança no mundo, é essencial que crianças e adolescentes se sintam seguros, respeitados e valorizados em suas diversidades. Uma educação para as relações étnico-raciais deve enfrentar as desigualdades e combater as violências sofridas pela população afro-brasileira e por todas as pessoas que são parte de grupos que sofrem processos de opressão, exclusão e marginalização, como indígenas, mulheres e integrantes da comunidade LGBTQI+. (2022, pág.11)

Neste sentido continuo pesquisando músicas, jogos e livros que auxiliem na implementação de projetos que estimulem a criticidade e a percepção do perigo de uma história única, conforme abordado por Chimamanda Adichie:

Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. É claro que a África é um continente repleto de catástrofes. Existem algumas enormes, como os estupros aterradores no Congo, e outras deprimentes, como o fato de que 5 mil pessoas se candidatam a uma vaga de emprego na Nigéria. Mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas. Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos. (2019, pág.14)

No meu planejamento de aulas costumo aplicar métodos que tragam a construção do conhecimento para o primeiro plano, ela é a base do trabalho desenvolvido em sala. Sempre me apoiarei no Método de Projetos, que pela sua característica favorece a visão transdisciplinar (Santos, 2006) e traz o estudante para o centro, ele é o protagonista da sua aprendizagem. Os projetos que venho apresentar neste trabalho foram desenvolvidos com os estudantes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Maria Odila Guimarães Bueno em São Paulo. Nossas aulas são baseadas em princípios que colocam o estudante em diálogo com o outro, de forma crítica e reflexiva, uma educação que o predispõe a constantes revisões (1982, pág. 90).

4.1. Objetivos do desenvolvimento sustentável (2022)

“Luz do sol, que a folha traga e traduz em verde novo

Em folha, em graça, em vida, em força, em luz...”³

Caetano Veloso

³ A canção "Luz do Sol" de Caetano Veloso oferece uma perspectiva poética e profunda sobre a fotossíntese, destacando sua importância fundamental como a base da cadeia alimentar. Essa abordagem artística torna a música uma ferramenta extremamente apropriada para introduzir e discutir o tema da alimentação. Ao compreender a essência da fotossíntese, que transforma a luz solar em energia vital, somos naturalmente levados a refletir sobre a origem e a sustentabilidade de nossos alimentos. A partir desse ponto, o foco se volta para o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2: Fome Zero e Agricultura Sustentável. Este ODS tem como meta ambiciosa erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar e melhorar a nutrição, além de promover a agricultura sustentável em nível global. A conexão entre a arte de Caetano e um tema tão crucial como a segurança alimentar nos convida a uma reflexão mais profunda sobre como a natureza provê e como nós, como sociedade, podemos garantir que todos tenham acesso a uma alimentação adequada e nutritiva.

Nosso projeto, desenvolvido com estudantes do 5º ano, mergulhou de forma profunda e multifacetada na temática da água e da sustentabilidade, utilizando a emblemática canção "Planeta Água" de Guilherme Arantes como ponto de partida. Mais do que uma simples análise musical, a iniciativa buscou despertar nos alunos uma consciência crítica sobre a importância dos recursos hídricos, os desafios ambientais e as injustiças sociais relacionadas à água.

O trabalho foi solidamente embasado em diversas perspectivas teóricas e documentos orientadores. Garantindo uma abordagem completa e alinhada trabalhamos com base nos princípios delineados por Vilmar Berna em seu livro "Como Fazer Educação Ambiental", explorando as dimensões ética, política, científica, cultural e pedagógica da educação ambiental. Isso permitiu aos estudantes compreenderem a complexidade das questões ligadas ao meio ambiente e o papel de cada indivíduo na construção de um futuro mais sustentável.

Um dos pilares centrais foi a discussão sobre o racismo ambiental. Analisamos de que forma comunidades periféricas, frequentemente compostas por populações negras e de baixa renda, são as mais impactadas pela falta de saneamento básico e pelas consequências de enchentes, revelando as desigualdades sociais e ambientais presentes em nossa sociedade. A partir dessas discussões conectamos o estudo dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, em especial aqueles relacionados à água potável e saneamento (ODS 6), cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11) e redução das desigualdades (ODS 10), mostrando como as questões locais se inserem em um contexto global de busca por um futuro mais justo e equitativo. A Carta da Terra serviu como um guia ético e moral, reforçando a interdependência entre todos os seres vivos e a necessidade de construir sociedades sustentáveis baseadas na justiça, na paz e na integridade ecológica.

A proposta consistiu no desdobramento de diversas atividades, engajadoras e interdisciplinares, como análise da Canção "Planeta Água", iniciando com uma escuta ativa e análise profunda da letra da música, explorando as diferentes perspectivas que a canção aborda sobre a água: sua beleza, sua importância para a vida e a ameaça de sua escassez. Os estudantes realizaram pesquisas sobre a crise hídrica, a importância do saneamento básico, a realidade das comunidades periféricas e as iniciativas de sustentabilidade. Essas pesquisas culminaram em debates ricos e discussões que ampliaram a compreensão dos alunos sobre os temas abordados. Foram então incentivados a mapear os problemas locais identificando problemas relacionados à água em suas próprias comunidades, como descarte inadequado de lixo, detecção de vazamentos e falta de saneamento, estimulando a percepção da realidade ao seu redor.

Os estudantes produziram diversos materiais como cartazes informativos representando soluções para problemas de saneamento e campanhas de conscientização sobre o uso racional da água.

A sua culminância foi um momento de celebração e reconhecimento do aprendizado e do engajamento dos estudantes: Os alunos apresentaram seus trabalhos para a comunidade escolar, demonstrando o conhecimento adquirido e a criatividade no desenvolvimento das atividades. Foi um momento de troca e compartilhamento, onde os estudantes puderam ser protagonistas de seu aprendizado. O ponto alto foi a entrega da carteirinha de "Ecologistas Mirins" aos estudantes. Esse gesto simbólico representou o reconhecimento do compromisso de cada um com a proteção do meio ambiente e o incentivo para que continuem atuando como agentes de transformação em suas comunidades.



(Culminância - arquivo pessoal)



4.2. O que conhecemos de África? (2023)

“Baba yetu, yetu uliye mbinguni

Yetu, yetu, amina

Baba yetu, yetu uliye

Jina lako litukuzwe”⁴

Christopher Tin

A turma do 5º ano desenvolveu um projeto de educação antirracista que utilizou a música "África"⁵ da dupla Palavra Cantada como ponto de partida. Reconhecendo o caráter transdisciplinar da educação das relações étnico-raciais, o projeto buscou disseminar práticas antirracistas entre os estudantes e na comunidade escolar. O objetivo era valorizar os diversos atores que contribuíram para a formação da cultura brasileira, bem como sua história e identidade, em conformidade com as leis que promovem a visibilidade das contribuições negras e indígenas ao longo da história e na atualidade.

A partir da leitura da música, diversas atividades foram realizadas de forma integrada, iniciando com os alunos assinalando os nomes dos países citados na letra, localizando-os em um mapa da África impresso e compartilhando comentários sobre essas nações. Paralelamente, enquanto cantavam, os estudantes identificaram e registraram os verbos e seus respectivos tempos verbais em seus cadernos, utilizando a dimensão afetiva da música para recuperar e consolidar habilidades gramaticais desenvolvidas anteriormente. Por fim, expressões da letra foram analisadas e contextualizadas com base na vivência dos alunos e na formação da cultura brasileira, o que permitiu revisitar e reforçar os conteúdos estudados ao longo de todo o desenvolvimento do projeto.

Registros foram feitos na lousa e nos cadernos a partir da discussão sobre cada expressão africana ou afro-brasileira, como alguns exemplos abaixo:

- IJEXÁ: ritmo vindo da Nigéria, comum nas músicas baianas.
- ILÊ: casa no idioma Iorubá, salão onde as pessoas se reúnem, templo.

⁴ "Baba Yetu" é muito mais do que apenas uma bela canção; é uma poderosa demonstração da beleza e da importância das línguas africanas, especialmente o suaíli. A canção é o Pai Nosso cristão, adaptado para o suaíli e musicado por Christopher Tin. Lançada em 2005, ela ganhou um destaque notável por ser a primeira peça musical de videogame a receber um Grammy Award (na categoria Melhor Arranjo, Instrumental e Vocal, em 2011), presente no jogo *Civilization IV*. Não é apenas uma obra-prima musical; é um embaixador cultural que habilmente apresenta a língua suaíli ao mundo.

⁵ África (Sandra Peres / Paulo Tatit / Arnaldo Antunes) "África", Faixa do DVD 3D - Show Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada. -2005

- IORUBÁ: idioma com 5500 anos, também a língua da grande maioria dos escravizados trazidos para o Brasil.
- MALÊ (MUÇULMANO): escravizado que mantinha a fé muçulmana.
- OXALÁ: entidade que simboliza a paz, senhor da floresta.
- ALAH: Deus para os muçulmanos.

Após as atividades com a música, os estudantes desenvolveram pesquisas sobre diferentes manifestações artísticas de África, como a arte do povo Ndebele, a origem e história dos tecidos, das danças e das línguas antigas.

O impacto do projeto foi visível, com alguns alunos apresentando transformações em seus comportamentos e se emocionando ao ouvir as músicas. Na mostra cultural, apresentaram suas pesquisas e resultados de forma brilhante. A exposição contou com um varal de camisetas customizadas e um móbile de expressões racistas que devem ser evitadas na fala. Desde o início do projeto enviamos e recebemos recados antirracistas, a partir do envio das reflexões das famílias sobre racismo e mudanças de atitudes, percebemos um impacto notável: as discussões em sala de aula reverberam profundamente nos lares, promovendo diálogos importantes.



Fotos da Mostra Cultural (acervo pessoal)

4.3. Literatura antirracista (2024)

*“Funga Alafia Ashe Ashe
Funga Alafia Ashe Ashe”⁶
canção tradicional africana, iorubá*

No ano de 2024, os estudantes do 5º ano desenvolveram um estudo aprofundado sobre literatura com referência africana. Nosso principal objetivo foi explorar o acervo do autor Rogério Andrade Barbosa⁷, cuja obra é centrada nos valores e no vasto conhecimento do continente africano.

Neste projeto, utilizamos a literatura e a música como ferramentas no campo da educação antirracista, fundamentando-nos no que consta no documento do Instituto Alana, que afirma:

Um dos caminhos possíveis para recriar a escola é o diálogo, construído a partir do reconhecimento e do respeito às diferenças, sem estabelecer relações de imposição ou minimizar os conflitos. Esse percurso deve ser realizado por meio de ações intencionais, que extrapolem o campo das relações e foquem na construção da justiça social, o que, na educação, se traduz em acesso, permanência e aprendizagem para todos os estudantes (2022, p. 14).

A música utilizada como ponto de partida foi "Minha Rapunzel tem Dread", da MC Soffia. Ao ver a citação da Etiópia na canção, abrimos caminho para o estudo do mapa da África e, posteriormente, a seleção de livros paradidáticos que auxiliaram no desenvolvimento do projeto.

A partir daí passamos a estudar e promover a cultura afro-brasileira com a leitura e análise de letras de músicas e de livros paradidáticos. Desenvolvemos o pensamento crítico e a conscientização sobre as questões raciais.

A metodologia utilizada foi a análise da letra da música, que foi estudada em sala de aula, com discussões em dupla e em grupo, e registro das conclusões nos cadernos. Trata-se de

⁶ Funga Alafia é uma canção de boas-vindas da cultura iorubá, usada para demonstrar amizade e alegria, pode ser seguida de movimentos e gestos para receber e acolher.

⁷ Rogério Andrade Barbosa nasceu em Campo Belo, MG, em 1947. Autor de inúmeros livros dedicados à literatura infanto-juvenil, conta sua história ao Museu da Pessoa. Desde pequeno teve uma vida errante, se mudando diversas vezes de casa com sua família, uma de suas paixões sempre foi a leitura, que lhe permitia viajar para muitos lugares. Desejando conhecer o mundo, chegou a tentar entrar na marinha mercante, apesar de não ter conseguido passar na prova, lhe surgiu a oportunidade de ser professor na Guiné-Bissau através de um projeto da ONU. Encantado com o lugar e as pessoas, volta ao Brasil inspiradíssimo para escrever e desde então Rogério não parou mais, motivado pela sua paixão pela cultura dos povos. <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/minhas-viagens-inspiram-as-minhas-hist-rias/>

uma letra que promove o empoderamento e incentiva os estudantes a repensar atitudes e a valorizar os países africanos.

Em seguida, abordamos o estudo do mapa da África, a diáspora africana e o sequestro de pessoas do continente, assim como o legado dessa população pelo mundo. O projeto foi desenvolvido de forma interdisciplinar ao longo do ano letivo, desdobrando-se em diversas atividades e rodas de conversa nas quais foram discutidas as questões que levam ao racismo e a própria formação histórica do nosso país.

A sala foi dividida em grupos, e cada um escolheu um dos títulos de Rogério Andrade Barbosa disponíveis na sala de leitura. Após a leitura e o registro de informações sobre os livros, os grupos elaboraram perguntas para uma entrevista com o autor, que nos respondeu prontamente.

A culminância do projeto foi a apresentação dos registros, que se deu por meio de cartazes e vídeos na Mostra Cultural da escola. O evento contou com inúmeros visitantes que elogiaram o trabalho e a desenvoltura dos estudantes, que explicaram o conteúdo estudado de forma brilhante.

Os estudantes mostraram-se engajados, compartilhando o conhecimento construído na escola com suas famílias. Esse envolvimento evidencia o sucesso da iniciativa em levar a educação antirracista para além dos muros da escola, alcançando a comunidade. Ao longo do ano, recebemos diversas mensagens de apoio das famílias com posturas antirracistas, que foram divulgadas nas redes sociais do projeto.



Construção de painéis com palavras para exposição no pátio da escola (acervo pessoal)

4.4. Ubuntu – eu sou porque somos (2025)

*Don't worry about a thing
'Cause every little thing gonna be all right⁸
Bob Marley*

Desenvolvemos um projeto que promoveu o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e africana, por meio da exploração de jogos tradicionais africanos e do estudo da trajetória de personalidades negras brasileiras, visando desenvolver a identidade positiva, combater o racismo e incentivar o respeito à diversidade cultural entre os estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. Com isso conseguimos replicar a conscientização sobre a educação antirracista e a aplicação da Lei 10.639/2003 entre os estudantes, utilizando a filosofia Ubuntu como inspiração e a música como ferramenta de engajamento.

Embora o Brasil possua uma rica diversidade étnico-racial e a população negra ocupe lugar central em sua formação histórica e cultural, o racismo estrutural persiste como uma realidade, segundo a análise de Almeida (2020). Ao introduzir, através da música Ubuntu⁹, personalidades negras brasileiras como heróis, inventores, artistas, cientistas e líderes, os estudantes do 5º ano aprendem a valorizar a contribuição desses indivíduos para a sociedade (Pinheiro, 2023). Isso ajuda a construir uma autoestima positiva em estudantes negros, que se veem representados e reconhecidos, e a desenvolver o respeito à diversidade em todos os alunos.

Apresentar jogos africanos vai além do entretenimento. É uma forma lúdica de explorar a riqueza cultural do continente africano, desmistificando estereótipos e mostrando a inventividade e a inteligência dos povos africanos. Essa prática contribui para uma educação antirracista, pois combate a invisibilidade e a marginalização da cultura negra, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

O desenvolvimento do projeto estrutura-se fundamentalmente sobre os pilares das metodologias ativas, exemplificado pela aplicação da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). A proposta pedagógica integra estratégias de gamificação, utilizando ferramentas como a plataforma Kahoot! para dinamizar o conhecimento sobre jogos africanos e símbolos

⁸ A vida e a obra de Bob Marley são de extrema importância para os estudantes compreenderem a resistência e a educação antirracista na diáspora africana. Ele não foi apenas um músico talentoso, mas um mensageiro poderoso que utilizou sua arte para abordar questões profundas de injustiça social, colonialismo e opressão racial.

⁹ Ubuntu, Eu Sou Porque Nós Somos! Banda Alana, Silvanny Sivuca · 2024.

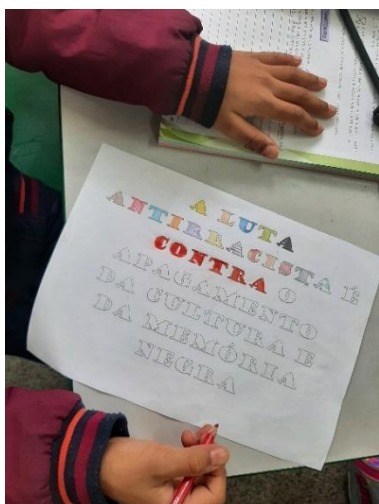
Adinkras. Simultaneamente, aplica-se o conceito de Sala de Aula Invertida, conferindo protagonismo aos estudantes, que assumem a responsabilidade pela pesquisa e apresentação de biografias de personalidades históricas engajadas na luta antirracista, a partir dos nomes citados na letra da música "Ubuntu", da Banda Alana.

A execução didática, planejada de forma sequencial, inicia-se com duas aulas expositivas e dialógicas focadas na apreciação da música e na exibição de vídeos sobre o tema na TV. Este momento introdutório fomenta rodas de conversa e debates profundos sobre a filosofia Ubuntu, apoiados pela leitura e análise de contos relacionados. Na sequência, dedica-se uma aula para a orientação metodológica das pesquisas em grupo sobre jogos de tabuleiro africanos. O projeto avança para uma fase prática e criativa, na qual, ao longo de duas aulas, os alunos confeccionam cartazes em cartolina e papel pardo ilustrando os símbolos Adinkras¹⁰ e seus significados, bem como transcrevem a letra da música para exposição nos espaços comuns da escola.

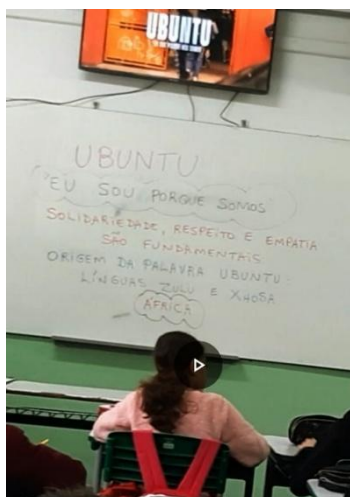
A materialidade do projeto expande-se para a criação de artefatos lúdicos e cenográficos. Os estudantes constroem jogos tradicionais como Mancala e Shisima utilizando materiais acessíveis e recicláveis, como papel, papelão, tampinhas de garrafa e sementes de feijão ou milho. O cronograma segue com duas aulas destinadas à socialização das pesquisas biográficas e exposição dos materiais produzidos em sala. A etapa culminante, prevista para as duas últimas aulas, envolve o ensaio e a apresentação final do conto e da música no pátio da escola, consolidando o aprendizado para toda a comunidade escolar. Vale ressaltar que todo o percurso é construído sob uma ótica interdisciplinar, mobilizando competências curriculares de História, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e do Projeto de Convivência.

Observamos o envolvimento dos estudantes pelas interações e respostas no Quiz da atividade de gamificação e no jogo de tabuleiro, que nos permitiram verificar a assimilação do conteúdo e o alcance dos objetivos. Também observamos as ações e interações em sala de aula e entre os colegas, especialmente durante a disseminação do conteúdo pesquisado e a replicabilidade do projeto. Isso inclui visitas a outras salas e a apresentação da música em conjunto com o conto africano Ubuntu, além da avaliação da participação e do desempenho nos jogos de origem africana que desenvolvem o raciocínio lógico e a matemática.

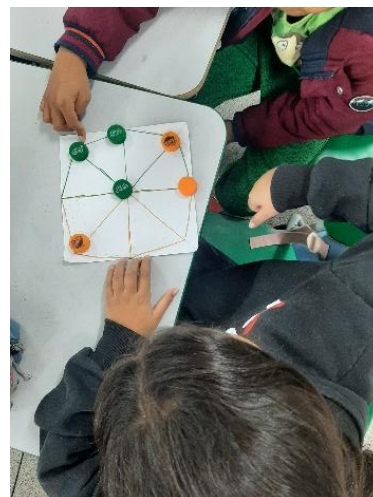
¹⁰ Os Adinkras são um conjunto de símbolos pertencentes ao povo Ashanti, atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, principalmente em consequência dos processos das diásporas africanas. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>



Letra da música Ubuntu



Vídeo da música Ubuntu



Jogo Shisima



Painel com Adinkras



Jogo Minhas Raízes

5. DISCUSSÃO SOBRE RESULTADOS E A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS EDUCACIONAIS

Em que relatos de experiências podem auxiliar no dia a dia da escola? Pretendo aqui rever as orientações que constam no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) sobre formação continuada, pois não podemos ficar parados assistindo ao "não acontecer nada" nas escolas.

É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação

das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos.

Precisamos nos mover para que cada vez mais educadores entendam que é urgente o desenvolvimento de projetos que trabalhem as questões Étnico-Raciais e que não há necessidade de um mês ou bimestre para que o tema seja desenvolvido. É crucial envolver toda a comunidade escolar, pois todos fazem parte do processo educativo. A educação antirracista não é um "problema" exclusivo do professor negro, mas sim uma responsabilidade de todos. Precisamos nos preocupar com cada um, e os estudantes brancos, em particular, devem ser ativamente incluídos em todas as atividades. É fundamental que os descendentes dos opressores compreendam a história e aprendam a reparar os danos. O reconhecimento e as ações, mesmo que pequenas, são essenciais para construir uma escola livre de racismo.

Conforme explicitado em diferentes práticas, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade nos mostram que conseguimos e podemos fazer muito mais utilizando a transversalidade, buscando desenvolver os diferentes tipos de aprendizagens e de inteligências em todas as etapas, desde o início do ano letivo; escolhendo temas que abordem a pauta antirracista, mostrando diferentes manifestações artísticas, fomentando discussões e pesquisas e incluindo a música, que, como mostrei neste texto, envolve a todos de maneira relevante, inquietante, ousado dizer até extraordinária, como comprovam Djamila Ribeiro (2023) que conseguiu mudar o comportamento de uma sala de aula utilizando a letra de uma música e Luana Tolentino (2018) quando desenvolveu o projeto que trouxe o cordel e a música para a sala de aula e, presenciaram, assim como eu, a união e a transformação do grupo. Nilma Lino Gomes apadrinhando o grupo Racionais MC's em sua titulação de doutorado vem confirmar a importância de abordar os temas racismo e desigualdade social nas músicas.

Ora, por que não há projetos nesse artigo com letras das músicas dos Racionais? A proposta é mostrar projetos desenvolvidos com estudantes do ensino fundamental no ciclo dos anos iniciais, assim as músicas precisam ser adequadas à faixa etária. Esperamos que este seja um ponto de partida para que aconteçam novas ações com estudantes dos anos finais e ensino médio, que venham novas músicas, que se inclua letras de outros grupos. Por isso os projetos com música para os anos iniciais são tão importantes, os estudantes estarão, então, preparados para continuar lendo as letras de forma crítica nos anos seguintes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o Professor Munanga “não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade” (Munanga, 2005). Contudo, a falta de interesse que percebo em alguns educadores é injustificável, especialmente considerando a vasta quantidade de publicações que poderiam enriquecer suas reflexões e estudos. O texto de 2005, “Superando o Racismo na Escola”, com duas décadas de existência, deveria ser bibliografia básica nas formações de professores. Acredito que com uma boa dose de indignação conseguiremos fazer chegar aos novos professores na graduação e aos antigos, em suas reuniões de planejamento e replanejamento, os textos que tratam das relações étnico-raciais na escola, principalmente na educação básica, pois desde pequenos os meninos e meninas devem ter acesso à sua história, à verdadeira história do nosso país, para conhecer os diferentes grupos que compõem nossa população e, para isso, ao utilizar diversas formas de desenvolver o aprendizado e construir conhecimento— como apresento neste artigo —, é notório que a música é uma ferramenta poderosa na educação antirracista. Como bem pontua a professora Petronilha:

Para tanto, precisamos, antes de mais nada, prestar a atenção nas formas e meios que nossos alunos utilizam para aprender. Se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos que descobrimos o mundo. Corpos negros, brancos, indígenas, mestiços, doentes, sadios, gordos, magros, com deficiências, produzem conhecimentos distintos, todos igualmente humanos e, por isso, ricos em significados. (2007, p. 501)

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020

BERNA, Vilmar. Como fazer educação ambiental: Vilmar Berna. São Paulo, SP: Paulus, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 jun. 2004. Seção 1, p. 17.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13ª edição, 1982.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, pp. 98-109, jan./abr. 2012.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Educação das relações étnico-raciais e o ensino de música: notas sobre a operacionalização do conhecimento étnico nas práticas escolares. Orfeu, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 96–110, 2018.

INSTITUTO ALANA. Recriar a escola sob a perspectiva das relações étnico-raciais. São Paulo: Instituto Alana, 2022

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Akiko. Pedagogia ou Método de Projetos? Referências transdisciplinares. Texto apresentado no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, Vitória-ES, Brasil, setembro de 2006. Disponível em:

http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/Pedagogia_ou_Metodo_de_Projetos.pdf.

SILVA, Alberto da Costa e; GONÇALVES, Petrolina B. O que você sabe sobre a África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação, Porto Alegre, v. 30, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

TOLENTINO, Luana. Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

Vídeos:

Djamila Ribeiro - Podpah - exibido em 4 de setembro de 2023

<https://www.youtube.com/watch?v=FKIGPIoE8bY>

Nilma Lino Gomes - Educação antirracista em diálogo - Ministério da Educação, coordenado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão – SECADI – episódios disponíveis em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLmdaeK6tXDjBDppcFye2xCaoQIJ85S6TX>